



## AFINIDADES ELETIVAS ENTRE OBRAS DE MANOEL DE BARROS E AS ARTES PLÁSTICAS SUL-MATO-GROSSEENSES<sup>1</sup>

Dayne da Silva Caldeira Saibert  
(PPGEL-UFMS)

Maria Luceli Faria Batistote  
(PPGEL-UFMS)

**Resumo:** Dotada de discurso único, a obra de Manoel de Barros além de evidenciar a relação do homem com o Pantanal sul-mato-grossense, possui, sobretudo, conexão com as artes plásticas. Este diálogo, percebido por meio do sentido de liberdade que o poeta desenvolve em seus poemas, iniciou-se em um curso de pintura realizado no Museu de Arte Moderna, em Nova Iorque, onde conheceu artistas que influenciaram a base pictórica de sua poética, tais como Chagall, Picasso, Miró, Klee e Van Gogh. Nessa conjuntura, com o propósito de observar afinidades eletivas entre a obra de Manoel de Barros e as artes plásticas sul-mato-grossenses, no tocante aos temas e figuras recorrentes, como a citação das águas na paisagem pantaneira, seja na linguagem verbal (poemas) ou na linguagem visual (pintura), seleciona-se como *corpus* as produções pictóricas dos artistas plásticos José Ramão Pinto de Moraes (Jorapimo) e Stefan Grol, que retratam a paisagem pantaneira, e as obras de Manoel de Barros: *Livro de pré-coisas* (1985), *O guardador de águas* (1989), *O livro das ignoranças* (1993) e *Menino do Mato* (2010). Para tanto, busca-se, a partir dos pressupostos teóricos e metodológicos da semiótica de linha francesa, descrever e interpretar o plano do conteúdo, em especial os temas e figuras, o plano da expressão, o verbal e o visual, e as relações semissimbólicas entre os dois planos nos textos. Para a concretização da pesquisa, serão mobilizadas, principalmente as abordagens semióticas realizadas por Greimas (1976), Greimas & Courtés (2008), Floch (1985), Fiorin (2002), Bertrand (2003), Barros (2000), Oliveira (2004), Pietroforte (2004), Assis-Silva (1995).

**Palavras-chave:** Manoel de Barros. Artes plásticas. Figurativização. Sentido.

---

<sup>1</sup> Este trabalho apresenta as considerações preliminares de um projeto de pesquisa em fase inicial, o qual pretende analisar obras de Manoel de Barros e as artes plásticas sul-mato-grossenses na tentativa de encontrar afinidades eletivas entre os textos. Afinidade eletiva é o processo pelo qual duas formas culturais - religiosas, intelectuais, políticas ou econômica - entram, a partir de determinadas analogias significativas, determinados parentescos íntimos ou afinidades de sentido, em relação de atração e influência recíprocas, seleção e reforço mútuos e convergência. O estudo em questão pautar-se-á no termo convergência. Neste recorte, serão discutidos, brevemente, a delimitação do tema, metodologia, objetivos e fundamentação teórica.

## **ELECTIVE AFFINITIES BETWEEN MANOEL DE BARROS' WORK AND VISUAL ARTS FROM MATO GROSSO DO SUL**

**Abstract:** *With a unique discourse, the work of Manoel de Barros, in addition to highlighting the relationship between man and the Pantanal of Mato Grosso do Sul, has, above all, a connection with visual arts. This dialogue, acknowledged through the meaning of freedom that the poet develops in his poems, has begun with a painting course taken at the Museum of Modern Art in New York, where he has met artists who impacted on the pictorial basis of his poetry, such as Chagall, Picasso, Miró, Klee and Van Gogh. In this context, with the purpose of observing elective affinities between the work of Manoel de Barros and visual arts from Mato Grosso do Sul, regarding the recurring themes and figures, such as the mention of waters in the Pantanal's landscape, as in verbal language (poems) as in visual language (painting), the pictorial work of the fine artists José Ramão Pinto de Moraes (Jorapimo) and Stefan Grol, who depicted Pantanal's landscape, and the writings of Manoel de Barros: Livro de Pré-Coisas (1985), O guardador de águas (1989), O livro das ignoranças (1993) and Menino do Mato (2010) are selected as corpus. Therefore, the theoretical and methodological assumptions of the French semiotics are sought to describe and interpret the content plan, especially the themes and figures, the plan of expression, verbal and visual, and semi-symbiotic relations between the two plans in the texts. To accomplish the research, the semiotic approaches developed mainly by Greimas & Courtés (2008), Floch (1985), Fiorin (2002), Bertrand (2003), Barros (2000), Oliveira (2004), Pietroforte (2004), Assis-Silva (1995) will be mobilized.*

**Keywords:** *Manoel de Barros. Visual arts. Figurativization. Meaning.*

## **Introdução**

A relação entre a literatura e a pintura foi bastante recorrente na antiguidade e continua relevante nos estudos atuais. Não é difícil encontrar pontos de convergência entre pinturas e poemas, segundo Mc Luhan e Parker (1911), elas são “artes irmãs”. O pictórico trabalha no ilustrativo, enquanto a poesia no imaginativo. O trabalho com essas duas artes oferece ao observador uma experiência sensorial. As cores, as formas e as palavras se misturam formando um material que tem por intuito o envolvimento de inúmeras sensações de quem aprecia. Dessa forma, é observável que o diálogo que Manoel de Barros faz com as artes plásticas atribui à sua obra novos sentidos e figuras.

A relação de Barros com as artes plásticas iniciou-se ao visitar a Bolívia, especificamente a aldeia de Chiquitos, onde conheceu a obra de Quiroga, artista plástico que se utiliza apenas de elementos da natureza para compor sua produção pictórica. Em seguida, o poeta participou de um curso de artes plásticas e cinema no Museu de Arte Moderna, em Nova Iorque, que marcou fortemente a sua criação artística.

Neste período, conheceu obras de artistas como Picasso, Chagall, Miró, Van Gogh e dos cineastas Fellini, Buñuel e Chaplin, que influenciaram significativamente a

sua poética, contribuindo para sua formação pessoal e continuação de sua arte. Dessa forma, ao eleger alguns pintores - tais como Rosário, Picasso, Klee e Van Gogh - que mais se aproximam de sua produção artística, é possível perceber um diálogo entre a poesia de Barros e as artes plásticas.

Nessa conjuntura, com o propósito de observar afinidades eletivas entre obras de Manoel de Barros e as artes plásticas sul-mato-grossenses, por meio da semiótica discursiva, no tocante aos temas e figuras recorrentes, como a citação das águas na paisagem pantaneira, seja na linguagem verbal ou na linguagem visual, comprovando a confluência entre as obras, seleciona-se como *corpus* as produções pictóricas dos artistas plásticos José Ramão Pinto de Moraes (Jorapimo) e Stefan Grol, que retratam a paisagem do Pantanal, e as obras de Manoel de Barros: *Livro de pé-coisas* (1985), *O guardador de águas* (1989), *O livro das Ignorâncias* (1993) e *Menino do mato* (2010). Assim, este estudo pretende compreender o modo como o enunciador recria poeticamente o cenário por ele vivenciado e que permaneceu em sua memória, principalmente por tornar-se sua arte.

O critério utilizado para a eleição do *corpus* foi selecionar as obras que retratam as memórias de seus autores em relação ao Pantanal, local significativo e marcante em suas vidas. É importante ressaltar que os três artistas mencionados, de certa forma, testemunham suas memórias por meio de suas obras, as quais podem ser consideradas documentos importantes para o estudo da história, arte e literatura do estado de Mato Grosso do Sul.

A escolha pelo aparato teórico-metodológico da semiótica discursiva fez-se por entender que essa corrente se propõe à análise dos textos verbais e não verbais. Ao contrário da linguística, a semiótica não limita suas pesquisas ao campo verbal, mas se amplifica para qualquer sistema de signos - artes visuais, música, fotografia, cinema, linguagem gestual, entre outros.

Com base nos princípios teórico-metodológicos da semiótica de origem francesa, esta pesquisa tem por objetivo geral observar afinidades eletivas entre a obra de Manoel de Barros e as artes plásticas sul-mato-grossenses, no tocante aos temas e figuras recorrentes, em especial a citação das águas na paisagem pantaneira.

Dessa forma, para atender aos propósitos, os objetivos específicos são: a) discutir a relação de interdiscursividade presente no *corpus*; b) compreender marcas estéticas do plano de expressão e como contribuem, juntamente com o plano de conteúdo, para a construção do sentido nas obras; c) analisar como se constitui a

linguagem nos poemas selecionados, mobilizando as categorias enunciativas de pessoa, tempo e espaço.

Esta pesquisa orienta-se por metodologia de natureza qualitativa, pois além de seu aspecto interpretativo e analítico, aplica-se também ao estudo da história, das relações, crenças, dados subjetivos, valores, opiniões. Além disso, as pesquisas bibliográfica e documental farão parte do trabalho, uma vez que artigos, teses, ensaios e dissertações contribuirão para a seleção de um arquivo no desenvolvimento deste estudo.

Considerou-se, ainda, a história da vida e obras dos autores e suas memórias retratadas artisticamente como forma de testemunho. Ademais, com base nos postulados da semiótica discursiva, tomar-se-á como aparato os teóricos: Barros (2005), Fiorin (2002), Floch (1981), Greimas (2002), Oliveira (2004), Pietroforte (2004), Teixeira (1986), Assis-Silva (1995), Bertrand (2003), entre outros que virão a contribuir com a pesquisa.

No que concerne à metodologia, pretende-se realizar um levantamento acerca da história da arte no estado de Mato Grosso do Sul e suas principais características e manifestações artísticas por meio dos autores: Rosa (1992) e Pontes (1981). Em seguida, será discorrido o percurso da semiótica francesa e seus desdobramentos com a exposição de postulados, buscando a articulação com o *corpus* da pesquisa.

Por fim, esta pesquisa subsidia um novo olhar a respeito das contribuições de Manoel de Barros para as artes e aponta, dentre tantos, um caminho a mais ao conhecimento dos artistas regionais.

### **Um pouco de teoria**

A semiótica de linha francesa foi desenvolvida por Algirdas Julian Greimas (1917-1992), no fim da década de 1960, com base na linguística estrutural de Saussure e Hjelmslev. Para a semiótica discursiva, o texto resulta da junção de um plano de conteúdo com um plano de expressão, entende-se, nesse caso, que o discurso - aquilo que é dito - pode ser analisado não apenas num conto ou poema, mas também numa pintura. De acordo com Fiorin (1999), no momento em que, no simulacro metodológico, temos a junção do plano de conteúdo com um plano de expressão, ocorre a textualização. O texto é assim, uma unidade de construção de sentidos que pode ser usado para a compreensão de um texto verbal e não verbal.

A fim de propiciar um melhor exame do objeto em questão, Hjelmslev propõe que o texto seja estudado, inicialmente, a partir do seu plano de conteúdo, de modo a distanciar-se das demais manifestações - gestuais, visuais, sincréticas e verbais. Com isso, a semiótica deve ser compreendida como a teoria engajada em explicar o sentido do texto, pela investigação, primeiramente, de seu plano do conteúdo (BARROS, 2005). Este, por sua vez, é concebido sob a forma de um percurso gerativo, o qual permite a visualização de como a significação é construída internamente dentro do texto.

O percurso gerativo de sentido é, pois, uma sucessão de patamares, cada um passível de receber uma descrição apropriada, que evidencia como se produz e se interpreta o sentido, num processo que parte do mais simples ao mais complexo (FIORIN, 2002). São três os níveis que o constituem: o fundamental, o narrativo e o discursivo. Cada um desses níveis comporta uma sintaxe (os mecanismos que organizam os conteúdos) e uma semântica (os conteúdos propriamente ditos, que são ordenados pela sintaxe). A junção dessa sintaxe com essa semântica, podemos chamar de gramática semiótica (BARROS, 2002, P.16).

O primeiro patamar, o nível fundamental, é uma categoria semântica mínima no qual encontramos as estruturas elementares da significação que são representadas pelo quadrado semiótico. Segundo Greimas & Courtés (1979, p 29-30), o quadrado semiótico deve ser entendido como a representação visual da articulação lógica de uma categoria semântica qualquer, sendo organizado a partir de uma oposição tal que *a vs b*, a qual é preenchida por conceitos binários, em que há uma relação de contrariedade, contradição e complementariedade.

O segundo patamar, o nível narrativo, é um olhar analítico que se lança sobre o fazer transformador do sujeito e os estados por ele alterados. É importante entender que nem todos os textos são narrativos, é necessário distinguir narração e narratividade. A narratividade é uma transformação entre dois estados sucessivos e diferentes - estado inicial, uma transformação e um estado final. Na passagem de um estado a outro é que ocorre a transformação, “o fazer do sujeito narrativo encontra-se, assim, reduzido, num nível mais profundo, ao conceito de transformação” (GREIMAS; FONTANILLE, 1991, p. 8). Ainda, conforme Greimas (1983, p. 70), a junção é a relação que determina o estado do sujeito em relação a um objeto-valor (Ov) qualquer. Na sintaxe narrativa, encontramos um simulacro do fazer do homem, da ação deste sobre o mundo que o cerca. Importa, pois, verificar as relações dos elementos estruturais narrativos e seus participantes. Uma narrativa complexa estrutura-se numa sequência canônica, que compreende quatro fases: a manipulação, a competência, a performance e a *sansão*.

O terceiro patamar do percurso gerativo, o nível discursivo, também subdivide-se em dois níveis: o da sintaxe o da semântica. Na sintaxe discursiva a narrativa domina os estudos relativos à colocação em discurso das categorias de pessoa, tempo e espaço. Nesse domínio, os níveis anteriores são sempre atualizados e nele são investigados os efeitos de sentido de um discurso narrado em primeira ou terceira pessoa, num espaço do aqui ou do lá, num tempo passado ou presente, e quais os recursos discursivos utilizados pelo narrador para criar tais efeitos de sentidos. Com a semântica discursiva, os valores trazidos no nível narrativo são difundidos no discurso de forma abstrata, por meio de percursos temáticos que, por sua vez, podem ser figurativizados, alcançando com isso maior concretude (BARROS, 2003).

Os procedimentos semânticos do discurso são dois: a tematização e a figurativização. Nas palavras de Barros (2005):

Os valores assumidos pelo sujeito da narrativa são, no nível do discurso, disseminados sob a forma de percursos temáticos e recebem investimentos figurativos. A disseminação dos temas e a figurativização deles são tarefas do sujeito da enunciação. Assim procedendo, o sujeito da enunciação assegura, graças aos percursos temáticos e figurativos, a coerência semântica do discurso e cria, com a concretização figurativa do conteúdo, efeitos de sentido sobretudo de realidade. (BARROS, 2005, p. 66).

O processo de produção da significação pode ser apreendido ao longo do percurso gerativo de sentido. Os papéis temáticos organizam e selecionam percursos figurativos no nível discursivo. Quando se fala em percurso gerativo de sentido, analisa-se o nível do conteúdo, entretanto, o conteúdo só pode manifestar-se por meio de um plano de expressão. Segundo Greimas e Courtés (2002):

Na esteira de L. Hjelmslev, denomina-se plano de expressão o significante saussuriano considerado na totalidade de suas articulações, como o verso de uma folha de papel cujo anverso seria o significado, e não no sentido de “imagem acústica” como uma leitura superficial de Saussure permite a alguns interpretá-lo. O plano da expressão está em relação de pressuposição recíproca com o plano do conteúdo, e a reunião deles no momento do ato de linguagem corresponde à semiose. (GREIMAS E COURTÉS, 2002, p. 197).

Esta relação recíproca entre os dois planos também está presente nas relações sincréticas entre linguagem verbal e não verbal, as quais se manifestam o conteúdo e completam-se em um todo do sentido.

Entre outras abordagens, a semiótica discursiva é uma teoria de bases linguísticas, mas sua metodologia se aplica também a corpora não linguísticos. Um exemplo desse é dado pela semiótica plástica ou visual, desdobramentos da teoria de Greimas, voltada especificamente para análise de textos visuais. Floch (1985) definiu a semiótica plástica como aquela que se dedica à análise de textos visuais e que está relacionada com o estudo da significação de exemplares estéticos.

Ainda, Floch afirma que o plano de expressão é onde as qualidades sensíveis são selecionadas e articuladas entre elas por variações diferenciais, ou seja, ao analisar a forma do plano de expressão, tais formas provocam o olhar do leitor e no plano de conteúdo essas formas passam à significação. Os dois planos possuem entre si uma relação de ação conjunta, relações semissimbólicas.

Em relação ao plano de expressão, Greimas (1987) analisa o patamar eidético, sendo considerado o mais superficial, seguido pelo cromático, e situando-se a luz no nível mais profundo desse gênero de percepção estética. As formas eidéticas são compostas pelas massas de cores, já a cromática, a cor, é dependente da luz, que estabelece as tonalidades entre os tons claros e escuros. Ainda, o autor acrescenta ao plano de expressão a forma topológica, a qual seria a mais profunda em relação às demais.

Os conceitos discorridos serão mobilizados na análise com atenção voltada também à figuratividade entre o verbal e o plástico. Segundo Pietroforte (2006), torna-se necessário considerar a possibilidade de criação de novas relações entre as categorias semânticas, fonológicas e plásticas, que são denominadas semissimbólicas, pois tais relações, embora envolvam a figuratividade, pertencem a níveis mais profundos de realização semiótica, tanto na forma do conteúdo quanto na da expressão.

Nesse sentido, Oliveira (2004) propõe um esquema metodológico ao estudo do plano de expressão que são os níveis superficial (ícones), intermediário (figuras) e profundo (traços não-figurativos). O processo de figuratização de um texto, de acordo com Greimas e Courtés (2008), segue duas etapas que se implicam mutuamente: a figuração e a iconização. A primeira consiste na instalação de figuras semióticas no texto, enquanto a segunda visa revestir exaustivamente as figuras de maneira a produzir a ilusão referencial que as transformaria em imagens do mundo.

## Considerações finais

Buscou-se com este trabalho apresentar as questões pontuais para a pesquisa em questão. Para tanto, discorreu-se, brevemente, sobre os conceitos da semiótica francesa, desenvolvida por Greimas (1917-1992), bem como seus desdobramentos, além disso, a escolha do referencial teórico fornece um processo construtor de sentido e significação. Procura-se, assim, a possibilidade de acrescentar ao universo das artes um estudo a mais de aproximação no campo da semiótica.

Apesar de expressões diferentes, os textos empregam algo em comum. Esta relação de afinidades apresenta-se como uma via de acesso que busca na pluralidade dos signos uma nova possibilidade de aprendizado.

## Referências

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria Semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 2005.

\_\_\_\_\_. **Teoria do discurso: fundamentos semióticos**. São Paulo: Humanitas, 2002.

BATISTOTE, Maria Luceli Faria. **Semiótica Francesa: busca de sentido em narrativas míticas**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2012.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2002.

\_\_\_\_\_. **Em busca do sentido**. São Paulo: Contexto, 2015.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Semântica estrutural**. Tradução de Haqira Osakabe e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix: Edusp. 1973.

\_\_\_\_\_. **Da imperfeição**. Tradução de Ana Claudia de Oliveira. São Paulo: Estação das Letras e Cores. 2017.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008.

KRUL, Ana Cláudia Araújo Matos; BURGART NETO Paulo Neto – **8º ENEP UFGD/5º EPEX UEMS** <http://eventos.ufgd.edu.br/enepex/anais/arquivos/31.pdf> - Acesso em 29/04/2018.

MC. LUHAN, Marshall.; PARKER, Harley. **O espaço na poesia e na pintura através do ponto de fuga**. São Paulo: Hemus, 1968.

MORATO, Elisson Ferreira. **A pintura como texto: uma leitura semiótica de Mestre Ataíde**. Minas Gerais: UFMG, 2008

OLIVEIRA, Ana Cláudia de. **Semiótica Plástica**. São Paulo: Hacker Editores, 2004.

PELLEGRINI, Fábio; REINO, Daniel, (organizadores). **Vozes das Artes Plásticas**, Campo Grande: FCMS, 2013.

PELLEGRINI, Fábio; SENNA, Melly, (organizadores). **Vozes da Literatura**, Campo Grande: FCMS, 2014.

PIETROFORTE, Antonio Vicente Seraphim. O sincretismo entre as semióticas verbal e visual. **Revista Intercâmbio**, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, 2006.